



CIEA7 #42:

LÍNGUAS CRIOLAS DE BASE PORTUGUESA NA ÁFRICA.

Tjerk Hagemeijer<sup>◦</sup>

tjerk.hagemeijer@gmail.com

Nélia Alexandre<sup>◦</sup>

nelia\_alexandre@clix.pt

## **Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica**

*Este artigo incide sobre os crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné e do Golfo da Guiné, que constituem duas famílias linguísticas distintas, de formação independente, tendo por objectivo mostrar algumas tendências de convergência e de divergência a nível da estrutura sintáctica.*

Sintaxe, Línguas crioulas de base portuguesa,  
Cabo Verde, são Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau.

---

<sup>◦</sup> Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>◦</sup> Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## INTRODUÇÃO

Os crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné (CAG) e do Golfo da Guiné (CGG) constituem duas famílias linguísticas independentes cuja formação remonta aos séculos XV e XVI, num contexto de escravatura, tendo resultado do contacto entre o Português (arcaico e regional) e diferentes línguas africanas de diversas famílias do Níger-Congo. Os CAG incluem o Kabuverdianu (CCV), o Kriyol (CGB) e o crioulo de Casamansa<sup>1</sup>; os CGG abrangem o Santome (ST), o Angolar (ANG), o Principense (PR) e o Fa d'Ambô (FA).

Não obstante os progressos alcançados na crioulistica ao longo das últimas décadas, continua aceso o debate sobre a formação destas línguas e sobre a sua afiliação genética e tipológica. Em particular, diversos autores têm proposto que os crioulos formam uma classe de línguas tipologicamente distinta de outras línguas. A mais antiga hipótese de que os crioulos constituiriam uma classe genética (ou uma família linguística) devido a um conjunto aparente de semelhanças traduz-se na chamada monogénese, uma teoria que advogava que todos os crioulos teriam na sua origem um único *pidgin* Português (*Sabir* ou *West-African Pidgin Portuguese*), que foi relexificado por outras línguas. Esta hipótese foi entretanto refutada, mas dela reteve-se, até hoje, a ideia bastante difundida de que os crioulos descendem de *pidgins* diversos que, no curso do tempo, se transformaram em línguas naturais (nativização), através de um processo de aquisição de L2 com restrições de acesso à Língua-Alvo (o Português, nos contextos em questão). O facto de se ter abandonado a monogénese não significa que não exista uma relação genética entre subconjuntos de crioulos, de que os CAG e os CGG são exemplos, mas também os crioulos de base lexical francesa das Caraíbas ou os crioulos de base lexical portuguesa na Índia.

Posto isto, as tentativas de unificar todos os crioulos passa não pela genética, mas sim pela tipologia linguística. Vários autores têm proposto que os crioulos constituem um tipo de línguas devido à partilha de um conjunto de propriedades linguísticas. Esta hipótese de um protótipo de crioulo já estava latente na hipótese da monogénese, mas ganhou especial notoriedade quando Bickerton (1981, 1984) apresentou a *Language Bioprogram Hypothesis* (LBH), que previa essencialmente que num contexto de crioulição<sup>2</sup> crianças expostas a um *pidgin* (rudimentar) utilizam a sua capacidade inata para o transformar numa língua natural num curto espaço de tempo (uma geração). Relacionado com a LBH, Bickerton propôs uma dúzia de traços linguísticos que considerava comuns a todos os crioulos. Apesar das falhas posteriormente apontadas a Bickerton, no final dos anos 1990 a ideia do protótipo de crioulo foi retomada por McWhorter (e.g. 1998, 2001, 2005). Este autor

---

<sup>1</sup> Tem-se levantado a hipótese de o Papiamentu, falado em Aruba, Bonaire e Curaçau, também pertencer à família dos CAG (e.g. Martinus 1996, Jacobs 2009)

<sup>2</sup> Bickerton propôs que a crioulição ocorre na presença de pelo menos 80% de falantes de línguas de substrato.

tem vindo a defender que os crioulos, por serem línguas diacronicamente recentes que se desenvolveram a partir de *pidgins*, podem ser tipologicamente distinguidos de outras línguas naturais, pois na sua existência relativamente curta<sup>3</sup> ainda não terão tido tempo de desenvolver a mesma complexidade gramatical e as idiossincrasias que tipicamente se desenvolvem na diacronia de línguas mais antigas.

O objectivo deste artigo consiste numa comparação sincrónica tipológica de alguns aspectos sintácticos dos CAG e dos CGG, porque falar do protótipo exige, em rigor, que se conheça as etapas diacrónicas da formação dos CAG e dos CGG, da variedade básica ou *pré-pidgin* até às variedades sincrónicas. Apesar da sua formação independente, estas duas famílias tiveram os seguintes pontos comuns: (i) o Português como língua lexificadora, (ii) línguas da família níger-congolesa como substrato e (iii) a passagem por um processo de pidgnização e subsequente nativização. Na secção 2, abordamos sumariamente a formação das duas famílias; a secção 3 consiste numa breve comparação de alguns aspectos sintácticos dos CAG e dos CGG; na secção 4 apresentamos as nossas conclusões.

## FORMAÇÃO DOS CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA EM ÁFRICA

### Os crioulos da Alta Guiné (CAG)

Diversos autores têm proposto uma ligação genética entre os CAG (Carreira 1982; Rougé 1986; Kihm 1994; Quint 2000; Baptista, Mello & Suzuki 2007; Jacobs 2009), que se terão formado do contacto entre o Português, que contribuiu com mais de 90% do léxico, e diversas línguas do Níger-Congo, particularmente línguas do grupo Mande (como o Mandinka, Bambara, Solinke, etc.) e Atlântico (como o Wolof, Temne, Fula, etc.).<sup>4</sup> Por esta razão, não é surpreendente que entre estes crioulos haja um certo grau de inteligibilidade mútua, já que se estima que “80% das palavras de origem africana do crioulo de Santiago existem também na Guiné” (Rougé 1999: 56). Realce-se, contudo, que os crioulos falados em Cabo Verde e na Guiné-Bissau e Casamansa<sup>5</sup> são duas línguas distintas e não duas variedades da mesma língua.

<sup>3</sup> Os mais antigos crioulos conhecidos são os de base lexical portuguesa em África e surgiram a partir da segunda metade do século XV.

<sup>4</sup> Embora estas línguas pareçam muito diferentes entre si elas partilham propriedades comuns, dado que pertencem a ramos do mesmo filo. No entanto, Quint (2008) refere que o facto de haver pouca documentação sobre estas línguas da África ocidental constitui um problema metodológico, já que mesmo aquelas que têm sido mais bem documentadas, como o Mandinga e o Wolof, têm dicionários com pouco mais de 10000 palavras. O autor aduz ainda a inexistência de dados diacrónicos para as línguas dos grupos Mande e Atlântico, assim como para algumas línguas que devem ter existido nos séculos XVI e XVIII mas que desapareceram entretanto (na realidade, não há nenhuma documentação para estas línguas anterior ao século XIX), e, por essa razão, afirma Quint, só se pode especular sobre a sua gramática e influência sociolinguística.

<sup>5</sup> Estamos a assumir que o crioulo falado na Guiné-Bissau e em Casamansa é a mesma língua, mas que exhibe diferenças resultantes do facto de a partir de 1886 Casamansa passar para o domínio francês. Segundo Couto (1991:44), tal condição histórico-política “fez com que os casamansenses interagissem mais com os outros senegaleses do que com os guineenses” .

Do arquipélago de Cabo Verde, descoberto em 1462, a ilha de Santiago foi a primeira a ser povoada, logo seguida da ilha do Fogo (e de Maio e Brava), funcionando como entrepostos de escravos. As ilhas de S. Antão e S. Nicolau foram povoadas em 1570, enquanto as restantes ilhas do Barlavento (S. Vicente, Sal e Boavista) só o foram a partir do século XVIII. Segundo Brüser & Santos (2002), a variedade de Santiago formou-se nas primeiras décadas depois da descoberta da ilha e é hoje considerado um dos crioulos mais antigos.

Sobretudo devido à insularidade, o CCV exhibe variação dialectal significativa, dividindo-se em dialectos de Sotavento (ilhas de Brava, Fogo, Maio, Santiago) e dialectos de Barlavento (ilhas de Boavista, Sal, Santo Antão, S. Nicolau e S. Vicente), com inteligibilidade mútua.

A Guiné-Bissau foi descoberta em 1446, mas só em 1588 foi fundada Cachéu, primeira povoação portuguesa, administrativamente dependente de Cabo Verde, juntamente com Casamansa (no Senegal), que fez parte da colónia portuguesa da Guiné-Bissau até 1886.<sup>6</sup> Durante séculos, o território foi um ponto essencial para o comércio de escravos. As migrações internas e a geografia do país contribuíram para o plurilinguismo que o país apresenta actualmente, com cerca de vinte línguas diferentes.<sup>7</sup> O convívio do CGB com línguas africanas faz com que este crioulo seja mais africano do que o CCV.

### **Os crioulos do Golfo da Guiné (CGG)**

A primeira tentativa de povoamento da ilha de S. Tomé ocorreu em 1485, mas não teve o êxito almejado, pelo que o povoamento definitivo ficou adiado até 1493, com a chegada da frota do primeiro capitão-donatário, Álvaro de Caminha. A ilha do Príncipe foi doada em 1500, mas no testamento de Álvaro de Caminha, de 1499, há evidência para a presença anterior de homens que para lá tinham sido enviados de S. Tomé. O povoamento definitivo da ilha de Annobón parece ter ocorrido entre 1543, quando a ilha estava deserta, segundo a documentação histórica, e 1565 (Caldeira 2006).

Existem duas fases distintas na ocupação de S. Tomé: a fase de habitação, que abarca o período do primeiro povoamento em 1485 até aos primórdios da introdução de cana-de-açúcar, por volta de 1515, e a fase de plantação, que marca o período de 1515 até ao fim do século XVI (e.g. Sousa 1990; Garfield 1992). Defendemos que a primeira fase, de habitação, foi determinante na rápida formação de um *pidgin* que resulta do contacto entre povoadores portugueses e escravos africanos provenientes do delta do Níger, sobretudo do antigo Reino de Benim (e.g. Ryder 1969; Teixeira da Mota 1976; Thornton 1992; Vogt 1973). Este *pidgin* ter-se-á expandido rapidamente, tendo dado origem a uma língua plena, o proto-

<sup>6</sup> Altura em que, na sequência da Conferência de Berlim, uma convenção leva Portugal a ceder à França a cidade de Ziguinchor e a região de Casamansa.

<sup>7</sup> As línguas faladas na Guiné-Bissau correspondem às etnias presentes no território, como mandingas, balantas, fulas, manjacos, pepéis, etc.

crioulo do Golfo da Guiné (PCGG) (e.g. Hagemeyer 2009), que se ramificou no tempo e no espaço em quatro línguas distintas: o Santome, o Angolar (ilha de S. Tomé), o Principense (ilha do Príncipe) e o Fa d'Ambô (Annobón). O Santome é a continuação directa do PCGG e tem-se defendido que o Angolar é um crioulo que foi levado para o mato pelos escravos que fugiram das roças em S. Tomé (Ferraz 1974, Seibert 2007, Caldeira 2004). A inteligibilidade mútua entre estes quatro crioulos é limitada.

O impacto tipológico de línguas do delta do Níger, enquanto estrato africano primário na formação do PCGG, é bem visível em todos os domínios (léxico, fonologia, sintaxe, etc.). O papel do Bantu ocidental, nomeadamente do Kikongo e do Kimbundu, por outro lado, está intrinsecamente relacionado com a fase de plantação e a chegada maciça de escravos Bantu em detrimento de escravos do delta do Níger. Por isso, alguns traços nos CGG que têm sido associados ao Bantu ocidental, nomeadamente a nível do léxico e da fonologia, resultam essencialmente de contacto secundário.

As diferenças que hoje existem entre os quatro CGG devem-se ao seu relativo isolamento em diferentes momentos da história, ao efeito de contacto posterior e ao papel da mudança interna. Apesar da tendência de afastamento no tempo e no espaço, é razoável assumir que também houve algum contacto entre estes crioulos ao longo dos séculos, especialmente entre o Santome e o Angolar, que convivem na mesma ilha.

## SINTAXE COMPARADA DOS CAG E DOS CGG

Esta secção tem por objectivo uma comparação tipológica de alguns elementos da sintaxe dos CAG e dos CGG.

### Ordem básica de palavras

À semelhança dos crioulos em geral (Bruyn, Muysken & Verrips 1999; Michaelis & Haspelmath 2003), os CAG e os CGG são línguas SVO e apresentam, no domínio do Sintagma Verbal, duplos objectos, que seguem uma ordem rígida entre Objecto1 e Objecto2.<sup>8</sup>

- (1) Ê ka [da [Obj1 **mwala**] [Obj2 **dexi kontu**]]. (ST)  
 3SG IPFV dar mulher dez conto  
 'Ele dá dez contos à mulher.'

<sup>8</sup> Ao Objecto1 corresponde o OI ou um Oblíquo (em Português) e ao Objecto2 o OD.

As diferenças mais marcadas entre as duas famílias surgem no domínio do Sintagma Nominal. Nos CAG, os modificadores do nome, à exceção de adjectivos e orações relativas, ocorrem em posição pré-nominal.

- (2) Kes nha [<sub>N</sub> **fidju**]-li e bazofu. (CCV)  
 DEM POSS filho-PROX ser vaidoso  
 ‘Estes meus filhos são vaidosos.’

A ordem dos modificadores nos CGG segue um padrão menos homogêneo: demonstrativos e possessivos ocorrem sempre em posição pós-nominal; os quantificadores ocorrem em posição pós-nominal em PR e FA, sendo que somente em FA os numerais (cardinais) ocorrem sistematicamente em posição pós-N.<sup>9</sup>

- (3) Inen dôsu [<sub>N</sub> **manu**] se mu. (ST)  
 PL dois irmão DEM POSS  
 ‘Os meus dois irmãos.’

Os CGG afastam-se, assim, da tendência observada noutros crioulos de a ordem de modificadores no SN espelhar a ordem de superstrato e aproximam-se mais das suas línguas de substrato, que apresentam SNs de núcleo inicial.

### TMA

A marcação de TMA tem sido um dos domínios mais investigados na crioulistica. Ao analisar seis crioulos, Bickerton (1984) concluiu que todos tinham marcadores pré-verbais gramaticalizados de TMA, por esta ordem, e que nestas línguas os marcadores desempenhavam funções semânticas idênticas (respectivamente, anterior, irrealis e não pontual).

Os sistemas de TMA dos CAG e dos CGG não só se desviam desta proposta, como também diferem entre si. Os marcadores aspectuais nucleares dos CAG constituem núcleos funcionais lexicalizadas que ocorrem em posição pré-verbal. Já o marcador de Tempo (-ba) é um sufixo verbal no CCV e ocupa uma posição pós-verbal mais livre no CGB, como mostra o contraste entre (4) e (5).

<sup>9</sup> Em PR contemporâneo, apenas o cardinal *ũa* ‘um’ ocorre em posição pós-N, mas esta tendência também parece ter existido em estádios mais antigos da língua (Maurer 2009:42). Em ST, os numerais podem igualmente ocorrer em posição pós-N, resultando numa leitura marcada.

- (4) a. N kont**ba** bu.(CCV; Alexandre 2009:26)  
 1SG dizer-PST 2SG  
 'Eu tinha-te dito.'
- b. \*N konta-u **ba**. (CCV)  
 1SG dizer-2SG PST
- (5) a. N konta u **ba** kuma nya pirkitu karu de. (CGB)  
 1SG contar 2SG PST que POSS piriquito caro DE  
 'Eu tinha-te dito que o meu piriquito era caro.'
- b. \*N konta **ba** u. (CGB; Kihm 1994:99-104)  
 1SG dizer PST 2SG

Com base nos exemplos acima, conclui-se que estes crioulos se afastam da ordem TMA, sendo unânime para os diferentes autores que o T (*ba*) é o elemento mais intimamente ligado ao verbo (Baptista 2002; Pratas 2007; Alexandre 2009).

Os marcadores nucleares de TMA dos CGG ocorrem em posição pré-verbal, seguindo, no entanto, a ordem MTA, conforme ilustrado no seguinte exemplo de uma oração condicional.

- (6) Xi non d'ola se na **ká tava ka** da ku ngê tamen fa,... (ST)  
 se 1PL de-hora DEM NEG **M T A** dar com pessoa tamanho NEG  
 'Se nós naquele tempo não nos tivéssemos dado com adultos, ...'  
 (Hagemeijer 2007:6)

Para além da posição de T na frase nos CAG e nos CGG, estes dois grupos também diferem no que diz respeito ao seu estatuto gramatical: *-ba* é uma partícula funcional pós-verbal (sufixal, no caso específico do CCV), ao passo que *tava* (ou *ta*) apresenta propriedades que o aproxima dos verbos auxiliares e não de partículas funcionais, como se depreende de estruturas de elipse (7a) e pares de pergunta-resposta (7b):

- (7) a. Zon **tava** [kume pixi]<sub>i</sub>, maji Maya na **tava** [-]<sub>i</sub> fa. (ST)  
 Zon T comer peixe mas Maya NEG T NEG  
 'Zon tinha comido peixe, mas a Maria não tinha.'
- b. Zon **tava** mata plôkô se? / Efan, ê **tava**. (ST, Hagemeijer 2007:149)  
 Zon T matarporco DEM /sim 3SG T  
 'O Zon tinha morto o porco?'

O dados dos CAG e dos CGG mostram, pois, que os seus sistemas de TMA, um dos baluartes da proposta de Bickerton, apresentam diferenças sintáticas substanciais que, de resto, também se estendem a diversos aspectos da interpretação semântica.

### Negação frásica e concordância negativa

A maioria das línguas crioulas dispõe de um marcador pré-verbal para expressar a negação frásica. Nesta tipologia inclui-se o *ka* dos CAG, como ilustrado no seguinte exemplo.

- (8) Djon **ka** ta papia. (CCV)  
 Djon NEG IPFV falar  
 ‘O Djon não fala.’

Os CGG, por outro lado, pertencem ao grupo restrito de língua crioulas com padrões de negação descontínua (ST, ANG, FA) ou final (PR).

- (9) Amu **na** po fe **f.** (FA; Post 1997:303)  
 1SG NEG poder fazer NEG  
 ‘Não posso fazê-lo.’

- (10) Têtuuga mêê ranka na meze **fa.** (PR; Maurer 2009:133)  
 Tartaruga querer arrancar LOC mesa NEG  
 ‘Tartaruga não quis deixar a mesa.’

A posição do *fa* na ordem linear está relacionada com o tipologia frásica (Hagemeijer 2007): os complementos e os adjuntos baixos ocorrem à esquerda do *fa*; os adjuntos altos ou periféricos não são englobados pelo domínio de *fa*, como mostra o contraste entre uma subordinação (11), uma adjunção a SV (12) e uma adjunção frásica (13).

- (11) Sun **na** mêsê pa sun ba nala ku mosu sun se **fô.** (ST)  
 senhor NEG querer que senhor ir lá com rapaz senhor DEM NEG  
 ‘Ele não quer ir lá com o seu filho.’

- (12) Ê **na** ka nda sê pa ê da topi **fa.** (ST)  
 3SG não IPFV andar sem para 3SG dar tropeço NEG  
 ‘Ele não anda sem tropeçar.’

- (13) Sun Faxiku **na** lega vesu **fa** antê ê bi da tudu kwa se  
 senhor Francisco não largar verso NEG até 3SG vir dar tudo coisa DEM  
 di 1953  
 de 1953

‘O Sr. Francisco não deixou os versos até ocorrerem todos os acontecimentos de 1953.’ (ST; Hagemeijer 2003:158)

Por fim, os CAG e os CGG, à semelhança de muitas outras línguas crioulas, são línguas de concordância estrita (Zeijlstra 2004), o que significa que o marcador de negação frásica ocorre com constituintes negativos.

- (14) Sun Alê, **nadaxi na** pasa pa n konta sun **fô**.  
 Senhor rei nada NEG passar para 1SG contar senhor NEG  
 ‘Senhor Rei, nada aconteceu que lhe deveria contar.’
- (15) **Ningin ka** ta pega-nda kanderu pa kubri-l ku balai.  
 ninguém NEG IPFV pegar-CAUS candeeiro para cobrir-3SG com balaio  
 ‘Ninguém acende a lanterna para cobri-la com o balaio.’  
 (CGB; Scantamburlo 1999:165)

### Serialização verbal

Os CGG apresentam uma estratégia tipologicamente marcada que consiste na expressão de determinados eventos complexos através de sequências de verbos, as chamadas construções de verbos seriais (Post 1992; Maurer 1995, 2009; Hagemeijer 2000, 2001; Hagemeijer & Ogie no prelo). Os seguintes exemplos são do ST:

- (16) Ê **fe** ubwa **loja** ke dê.  
 3SG fazer cerca rodear casa POSS  
 ‘Ele construiu uma cerca à volta da sua casa.’
- (17) Bamu **zunta kopla** mindjan  
 vamos juntar comprar remédio  
 ‘Vamos comprar remédios juntos.’
- (18) **Toma** ope **bi lêlê** mu.  
 tomar pé vir acompanhar OBJ.1SG  
 ‘Vem a mim pelos teus pés.’
- (19) Ê **saya** kanwa **pê** matu.  
 3SG puxar canoa pôr mato  
 ‘Ele puxou a canoa para o mato.’

A estratégia dos CGG é tipologicamente marcada e ocorre apenas numa área restrita do continente africano, que não abrange as línguas de substrato dos CAG<sup>10</sup>. Uma análise mais pormenorizada das construções de verbos seriais mostra que, em muitos casos, nestas estruturas os verbos na segunda posição são defectivos, aproximando-se de preposições (Hagemeijer 2000, 2001; Maurer 2009).

### Sistema pronominal

Tanto nos CAG como nos CGG, os pronomes de sujeito e de objecto apresentam, com poucas excepções, formas idênticas, como em (20-21).

(20) a. **Nhos** kume katxupa. (CCV)

‘Vocês comeram cachupa.’

b. Djon odja **nhos**. (CCV)

‘Djon viu-vos.’

(21) a. **Bô** ligi ê. (ST)

‘Tu levantaste-o.’

b. **Ê** ligi **bô**. (ST)

‘Ele levantou-te.’

Ambos os grupos exibem paradigmas de pronomes fortes e fracos, como mostram o exemplo do CGB (22) e do ST (23).

(22) **Elis e** tene novi anu... (CGB; Scantamburlo 1999:180)

3PL 3PL ter nove ano

‘Eles têm nove anos...’

(23) a. **N** ba poson. (ST)

1SG ir cidade

‘Fui à cidade de S. Tomé.’

<sup>10</sup> Embora alguns autores tenham defendido a existência de construções de serialização verbal em CCV, como Baptista (2002:114) em (i), Alexandre, Gonçalves & Pratas (2010) mostram que verbos do tipo de *kre* ‘querer’ se comportam como verbos de controlo (especificamente, de reestruturação) com propriedades idênticas às do PE e que não respondem positivamente a algumas propriedades de identificação das construções que envolvem serialização verbal, nomeadamente, à referência a um único evento ou à fusão de estruturas argumentais.

(i) a. El ta kre faze un kuza linpu.  
3SG IPFV querer fazer um coisa limpo  
‘Ele quer fazer uma coisa bem feita.’  
b. N ka dezeja bai.  
1SG NEG desejar(IPFV) ir  
‘Eu não desejo ir.’

- b. **Ami** so ba poson (ST)  
 1SG FOC ir cidade  
 'Eu é que fui à cidade de S. Tomé.'

O funcionamento do sistema pronominal dos CAG e dos CGG é, no entanto, bastante distinto. Tem-se argumentado que os pronomes fracos dos CAG se comportam como clíticos sintácticos (Baptista 2002; Pratas 2004), enquanto os mesmos pronomes nos CGG têm o estatuto de clíticos fonológicos (Hagemeijer 2007). Além disso, a oposição entre pronomes fortes e fracos abrange, nos CGG, apenas uma parte do paradigma, enquanto nos CAG afecta o paradigma no seu todo.

Refira-se ainda que, apesar de ambos os grupos não permitirem sujeitos referenciais nulos, há diferenças gerais a assinalar no que diz respeito aos sujeitos expletivos. Nos CAG, o CCV apresenta mais contextos de expletivos nulos obrigatórios do que o CGB; os CGG não apresentam contextos de expletivos nulos obrigatórios (Hagemeijer 2007; Maurer 2009:58-9).

- (24) a. **Onti, sta** fase calor. (CCV)  
 Ontem IPFV fazer calor  
 'Ontem esteve calor.'
- b. **Parsi** n kuma no ka ten ja mafe. (CGB; Kihm 1994:237)  
 parece 1SG que 1PL NEG ter já má.fé  
 'Parece-me que já não temos má-fé.'
- c. **I** ka ten problema.(CGB; Kihm 1994:237)  
 3SG NEG ter problema  
 'Não há problema.'
- (25) a. **Kwa** ka sôbê.(ST; Hagemeijer 2007:21)  
 coisa IPFV chover  
 'Chove.'
- b. **(Ê)** tê tôvada. (PR; Maurer 2009:58)  
 3SG ter trovada  
 'Troveja.'

### Estruturas-Q

As línguas têm várias estratégias disponíveis para formar estruturas-Q (nomeadamente, interrogativas-Q, relativas e clivadas) que nos dão informações sobre a

ordem de palavras, o movimento(-Q) permitido e sobre o estabelecimento da referência entre o local da extracção e de poiso de um constituinte. Neste aspecto da gramática, os CAG e os CGG partilham muitas semelhanças entre si e afastam-se da língua lexificadora em dois pontos cruciais. Por um lado, permitem estruturas formadas por movimento-Q que deixa no local de extracção uma forma pronominal invariável (Alexandre 2009). Por outro lado, é possível formar sem movimento-Q relativas restritivas que ocorrem fora de ilhas sintácticas realizando morfofonologicamente na sua posição básica e sob a forma de um pronome com traços formais de número o constituinte relativizado.

Tal como ilustram as construções-Q abaixo, tanto os CAG como os CGG exibem estratégias de movimento-Q, com arrastamento de preposição (*pied-piping*) (26), cortadora (27), com abandono de preposição com forma pronominal invariável (28-29) e com abandono de preposição sem vestígio realizado (30-31), e sem movimento-Q – resumptiva (32-33).

Especificando, a estratégia de arrastamento de preposição do constituinte nominal interrogado para posição inicial de frase ocorre nos CAG (Alexandre 2009) e é atípica nos CGG:

- (26) **[Na ki merkadu]**<sub>i</sub> ki Maria bai [--]<sub>i</sub> (CCV; Alexandre 2009:99)  
 em que Mercado que Maria ir  
 ‘Em que Mercado é que a Maria foi?’

De igual modo, a estratégia cortadora é observada nos CAG, mas não nos CGG. No exemplo (27), o verbo *gosta* ‘gostar’ rege a preposição *di* ‘de’, que é apagada na posição em que é seleccionada na interrogativa-Q.

- (27) **[Ki subrinhus]**<sub>i</sub> ki bu gosta más [--]<sub>i</sub>? (CCV; Alexandre 2009:102)  
 que sobrinhos que 2SG gostar mais  
 ‘Que sobrinhos é que tu gostas mais?’

Quando o constituinte-Q é preposicionado, a estratégia típica nos CAG e nos CGG consiste no abandono de preposição com forma pronominal invariável realizada no local de extracção.

- (28) **[Ki skolas]**<sub>i</sub> ki Maria ta trabadja na-[el]<sub>i</sub>? (CCV; Alexandre 2009:100)  
 que escolas que Maria IPFV trabalhar em-3SG  
 ‘Em que escolas é que a Maria trabalha?’
- (29) **[Ane ome]**<sub>i</sub> ma n ga taba ku [ê]<sub>i</sub>. (ANG; Maurer 1995:56)  
 PL homem que 1SG IPFV trabalhar com 3SG  
 ‘Os homens com que trabalho.’

Assinale-se ainda que os CAG e os CGG apresentam casos raros de uma estratégia de abandono de preposição sem vestígio realizado morfofonologicamente (30-31) (Hagemeijer 2000, 2001; Alexandre 2009; Maurer 2009).

(30) **[Ki prupostas di Guberbu]**<sub>i</sub> ki kel diputadu-la vota **[kontra [--]]**<sub>i</sub>?  
 que propostas de Governo que DEM deputado-DIST votar contra  
 ‘Contra que propostas do Governo votou aquele deputado?’  
 (CCV; Alexandre 2009:103)

(31) **[Kê ngê]**<sub>i</sub> ku Zon tlabá **[da [--]]**<sub>i</sub>? (ST; Hagemeijer 2001: 438)  
 que pessoa KU Zon trabalhar para  
 Para quem é que o João trabalhou?

Embora esta última construção dos CGG seja frequentemente rotulada de construção de serialização verbal, a aplicação de testes sintáticos mostra que *da* se comporta como uma preposição e não como um verbo (Hagemeijer 2000, 2001).

Por fim, as duas famílias estudadas apresentam pronomes resumptivos, que concordam em número com o antecedente, em contextos de ilhas sintáticas.

(32) N tene **[kes faka]**<sub>i</sub> ki ladron abri porta ku-**[es]**<sub>i</sub>. (CCV)  
 1SG ter DET faca que ladrão abrir porta com-3PL  
 ‘Tenho as facas que o ladrão abriu a porta com elas.’  
 (Alexandre 2009:271)

(33) **Inen mye** [ki txi vê mosu [uã se fala koinen]], doxi.  
 (PR)  
 PL mulher que 2SG ver rapaz um DEM falar com 3PL  
 simpático  
 ‘As mulheres que tu viste este tal rapaz que falou com elas são simpáticas.’

### Síntese dos aspectos comparados

O quadro seguinte apresenta a síntese das propriedades sintáticas abordadas nas secções anteriores. A comparação inclui também o Português, visto tratar-se de um elo de ligação entre os CAG e os CGG.

Propriedades		Ptg	CAG	CGG
Ordem de palavras	SVO	+	+	+
	DEM-POSS-N	+	+	-
Sistema de TMA	Partículas aspectuais pré-verbais	-	+	+
	Marcador de tempo pré-verbal	-	-	+
Negação	Negação descontínua/final	-	-	+
	Concordância negativa	+	+	+
Serialização verbal		-	-	+
Sistema pronominal	Pronomes fortes e fracos	-	+	+
	Sujeitos referenciais nulos	+	-	-
	Expletivos nulos obrigatórios	+	+	-
Estruturas-Q	Arrastamento de Preposição	+	+	-
	Cortadora	+	+	-
	Abandono de preposição	+	+	+
	Pronome invariável	-	+	+
	Resumptivo em ilhas sintáticas	+	+	+
	Resumptivo fora de ilhas	-	+	-

**Quadro 1** - Aspectos sintáticos comparados: os CAG, os CGG e o Português.

O quadro mostra que, para a maioria das propriedades analisadas, os CGG se afastam mais da língua lexificadora do que os CAG (particularmente na ordem dentro do domínio nominal, nos marcadores de tempo pré-verbais, na negação descontínua, na serialização verbal, nos expletivos nulos obrigatórios e nas estratégias-Q com arrastamento de preposição e cortadora). De facto, muitos casos de valores paramétricos opostos nos CGG terão uma explicação que passa pelo impacto do substrato. Por exemplo, a negação descontínua e final e a serialização verbal são propriedades tipologicamente marcadas que caracterizam os estratos africanos que contribuíram para a formação desta família crioula. Constata-se também que os CAG e os CGG partilham diversas propriedades que não encontramos no Português, nomeadamente no domínio do TMA, do sistema pronominal e das estruturas-Q. É de realçar que uma comparação tipológica deste tipo encobre uma

variação sintáctica mais fina que existe entre as duas famílias, entre as respectivas línguas individuais e em línguas individuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nível da sintaxe sincrónica, verificámos que os CAG e os CGG diferem tipologicamente em alguns aspectos fundamentais da gramática (e.g. negação frásica, serialização verbal, ordem de palavras do SN), apresentando estratégias bastante próximas no que se refere a outros aspectos (e.g. concordância negativa, pronomes fortes e fracos, abandono de preposição com forma pronominal invariável realizada). Além da variação tipológica, a breve panorâmica de traços apresentada na secção 3 também mostra que, numa perspectiva intra-modular da gramática de crioulos individuais, podem conviver diversas estratégias (e.g. estruturas-Q).

Os dados linguísticos analisados sugerem que a influência de substrato é mais acentuada no caso dos CGG.<sup>11</sup> Por outro lado, a maior semelhança entre os CAG e a língua lexificadora poderá ser explicada através de um conjunto de factores. Em primeiro lugar, é preciso analisar se, nestas línguas, há maior convergência estrutural entre o superstrato e as potenciais línguas de substrato. Em segundo lugar, há claros indícios de que a influência do superstrato sobre os CAG foi, de facto, mais marcada do que nos CGG. Os dados genéticos comparativos, embora referentes à população actual, mostram que o genotipo europeu representa, em média, 11% do genotipo são-tomense e 40% do genotipo cabo-verdiano (Coelho *et al.* 2008). Estas percentagens poderão significar, historicamente, maior acesso à língua lexificadora e, possivelmente, uma maior tendência de descrioulização nos CAG.

Em suma, os CAG e os CGG partilham algumas propriedades sintácticas mas divergem no que diz respeito a outras tantas. O tipo e o grau de contacto linguístico na formação e expansão dos CAG e dos CGG e a evolução interna foram, pois, determinantes para os aspectos convergentes e divergentes que encontramos nos crioulos contemporâneos.

---

<sup>11</sup> Esta tendência também se verifica noutros domínios da gramática dos CGG, como por exemplo a fonologia, onde fenómenos como a presença de velares labiais, implosivas e um sistema de harmonia vocálica ATR nas médias nos remete sobretudo para a presença de línguas nigerianas na formação destes crioulos (Hagemeijer no prelo).

## BIBLIOGRAFIA

- Alexandre, Nélia; Gonçalves, Anabela & Pratas, Fernanda. 2010. "Predicados complexos em Crioulo de Cabo Verde", *6º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Março, 24-26, Salvador: UFBA.
- Baptista, Marlyse. 2002. *The syntax of Cape Verdean creole: The sotavento varieties*, Linguistics Today 54. Amsterdam: John Benjamins Publ.
- Baptista, Marlyse; Mello, Heliana & Suzuki, Miki. 2007. "Kabuverdianu, or Cape Verdean, and Kriyol, or Guinea-Bissau (Creole Portuguese)". In J. Holm & P. Patrick (eds.), *Comparative Creole Syntax: Parallel Outlines of 18 Creole Grammars*, 53-82. Plymouth: Battlebridge Publ.
- Bickerton, Derek. 1981. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma Publ.
- \_\_\_\_\_. 1984. "The language bioprogram hypothesis". *Behavioral and Brain Sciences*, 7: 2, 73-222.
- Brüser, Martina & Santos, André dos Reis. 2002. *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*, J. Lang (dir.). Tübingen: Gunter Narr.
- Bruyn, Adrienne & Muysken, Pieter & Verrips, Maaïke (1999), "Double-Object constructions in the creole Languages: Development and acquisition". In M. DeGraff (ed.), *Language creation and language change*, 329-373. Cambridge, MA: MIT Press.
- Caldeira, Arlindo. 2004. "Rebelião e outras formas de resistência à escravatura nas ilhas do Golfo da Guiné (séculos XVI-XVIII)". *Studia Africana* 7, 101-136.
- Carreira, António. 1982. O crioulo de Cabo Verde – surto e expansão. Lisboa: Gráfica EUROPAM.
- \_\_\_\_\_. 2006. "Uma ilha quase desconhecida. Notas para a história de Ano Bom". *Studia Africana – Revista Interuniversitária d'Estudis Africans* 17, 99-109.
- Coelho, Margarida et al. 2008. "Slave trade and human genetic microdifferentiation". In C. Calò & G. Vona (eds.) *Atti del XVII Congresso dell' Associazione Antropologica Italiana*, 2-11. Cagliari 26-29 settembre 2007. *International Journal of Anthropology* (special number 2008).
- Couto, Hildo H. do. 1991. "Unidade versus diversidade linguística na Guiné-Bissau". *Papia*, 1: 2, 42-48.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1974. "A linguistic appraisal of Angolar". In *Memoriam Antonio Jorge Dias*, Vol. 2, 177-186. Lisbon: Instituto de Alta Cultura/Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Garfield, Robert. 1992. *A history of São Tomé island: 1470-1655. The key to Guinea*, San Francisco: Mellen Research University Press.
- Gregersen, Edgar A. 1977. *Language in Africa: an introductory survey*. New York: Gordon and Breach.
- Hagemeijer, Tjerk. 2000. *Serial verbs in São-Tomense*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- \_\_\_\_\_. 2001. "Semi-lexicality and underspecification in serial verb constructions". In Norbert Corver & Henk van Riemsdijk (eds.), *Semi-lexical categories*, 415-451. New York: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 2003. "A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: aspectos sincrónicos e diacrónicos". *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2, 151-78.
- \_\_\_\_\_. 2007. *Clause structure in Santome*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- \_\_\_\_\_. 2009. "As línguas de S. Tomé e Príncipe". *RCBLPE* 1(1). (<http://rcblpe.sftw.umac.mo/doc/As%20Linguas%20de%20S.%20Tomé%20e%20Príncipe.pdf>)
- \_\_\_\_\_. (no prelo). "The Gulf of Guinea Creoles: genetic and typological relations". *Journal of Pidgin and Creole Languages*.
- Hagemeijer, Tjerk & Ogie, Ota (no prelo). "Eñádó influence on Santome: evidence from verb serialization and beyond". In C. Lefebvre (ed.), *Creoles, their substrates, and language typology*. Amsterdam: John Benjamins Publ.
- Jacobs, Bart. 2009. "The Upper Guinea origins of Papiamentu. Linguistic and historical evidence". *Diachronica* 26:3, 319-379.
- Kihm, Alain. 1994. *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*, Amsterdam: John Benjamins Publ.
- Martinus, Frank. 1996. *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African connections*. Dissertação de Doutoramento, Amsterdam: Universidade de Amsterdam.
- Maurer, Philippe 1995. *L'Angolar: un créole afro-portugaise parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- \_\_\_\_\_. 2009. *Principense – Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the island of Príncipe*. London: Battlebridge Publications.
- McWhorter, John. 1998. "Identifying the creole prototype: Vindicating a typological class". *Language* 74, 788-818.

- \_\_\_\_\_. 2001. "The world's simplest grammars are creole grammars". *Linguistic Typology* 5, 125-166.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Defining Creole*, New York: Oxford University Press.
- Michaelis, Susanne & Haspelmath, Martin. 2003. "Ditransitive constructions: Creole languages in a cross-linguistic perspective". *Creolica* (<http://www.creolica.net/michaelis.pdf>).
- Post, Marike. 1992. "The serial verb construction in Fa d'Ambu". In E. d'Andrade & A. Kihm (eds.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, 153-169. Lisboa: Colibri
- Post, Marike. 1997. "Negation in Fa d'Ambô". In Ruth Degenhardt Thomas Stolz, Hella Ulferts (eds.), *Afrolusitanistik – eine vergessene Disziplin in Deutschland?*, 292-316. Bremen: Universität Bremen.
- Pratas, Fernanda. 2004. *O Sistema pronominal do caboverdiano (variante de Santiago): Questões de gramática*, Lisboa: Colibri.
- \_\_\_\_\_. 2007. *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la langue cap-verdienne*. Paris: L'Harmattan.
- \_\_\_\_\_. 2008. *L'Élément Africain dans la langue capeverdienne // Africanismos na língua caboverdiana*, Paris: L'Harmattan.
- Rougé, Jean-Louis. 1986. "Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-bissau e da Casamansa". *Soronda – Revista de estudos Guineenses* 2, 28-49.
- \_\_\_\_\_. 1999. "D'où viennent les verbes?", in E. d'Andrade; D. Pereira & A. Mota (eds.), *Crioulos de base portuguesa*, 81-96. Lisboa: Colibri.
- Ryder, Alan. 1969. *Benin and the europeans 1485-1897*. London: Longman.
- Scantamburlo, Luigi. 1999. *Dicionário do guineense: Introdução e notas gramaticais*, vol. I. Lisboa: Colibri e FASPEBI.
- Seibert, Gerhard. 2007. "Angolares of São Tomé island". In P. Havik & M. Newitt (eds.), *Creole societies in the Portuguese colonial empire*, 105-126. Bristol: Bristol University Press.
- Teixeira da Mota, Avelino. 1976. "Alguns aspectos da colonização e do comércio marítimo dos Portugueses na África Ocidental nos séculos XV e XVI". Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Tomás, Gil *et al.* 2002. The peopling of São Tomé (Gulf of Guinea): Origins of slave settlers and admixture with the Portuguese. *Human Biology* 74. 397-411.
- Thornton, John. 1992. *Africa and Africans in the making of the Atlantic world, 1400-1680*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vogt, John. 1973. The early São Tomé-Príncipe slave trade with Mina: 1500-1540. *International Journal of African Studies* VI (3). 453-467.
- Zeijlstra, Hedde. 2004. *Sentential negation and negative concord*. Dissertação de Doutoramento, Amsterdam: Universidade de Amsterdam.

#### **Siglas utilizadas:**

CAUS=morfema causativo; DEM=demonstrativo; DET=determinante; DIST=distante; FOC=focalizador; IPFV=imperfectivo; LOC=preposição locativa; NEG=marcador de negação; PL=plural; POSS=possessivo; PROX=próximo; PST=passado; SG=singular